

PESQUISA E MEDIAÇÃO: MARGENS, COMUNIDADES E A SEMANA DO PATRIMÔNIO

MARTHA RODRIGUES FERREIRA¹; WAGNER FERREIRA PREVITALI²; BRUNO PINHO CHAVES³; CAMILA MACHADO RAMOS DE CASTRO⁴; LOUISE PRADO ALFONSO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – wagnerfprevitali@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – brunochavespinho@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - camilamachadorc@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas - louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura apresentar algumas reflexões sobre a exposição que ocorreu de 12 de julho à 19 de agosto de 2018, denominada “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas”, realizada na Biblioteca Pública de Pelotas, no âmbito do Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas, que conta com o apoio da FAPERGS. A exposição participou também da celebração do Dia do Patrimônio, organizada pela Prefeitura Municipal, quando nos foi possível uma maior interação com o público visitante. Cabe ressaltar que o Projeto Margens vincula cinco projetos de extensão, todos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos - GEEUR, do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel.

O projeto Margens tem por objetivo uma aproximação entre ensino, pesquisa e extensão. Visando identificar e valorizar os diferentes passados e as diferentes vivências de grupos que enfrentam processos de exclusão, estudando os diversos modos de habitar e fazer-cidade (AGIER, 2015), buscando legitimar suas falas e sua importância na composição da cidade. Nossa pesquisa se dá de modo multidisciplinar, de forma a propiciar melhores perspectivas de compreensão e abordagens diversas sobre os temas em apreço.

Propomos uma diferente forma de ver a cidade, a partir dos grupos que são invisibilizados nas narrativas hegemônicas, como as travestis, as/os afro-indígenas, trabalhadoras domésticas, comunidades que passam por processos de higienização e grupos que passam por processos de marginalização. Ressaltando que todas/os têm um lugar e tem direito a habitar a cidade, Michel Agier traz que,

“(…)a compreensão das cidades terá muito a ganhar ao se dirigir não mais somente ao que se perde nos espaços da ‘não cidade’, mas também ao que nasce ali mesmo, como expressão de uma dialética mais geral do vazio e do pleno, do fraco e do forte”. (AGIER, p. 485; 2015)

Entender a cidade a partir de grupos que não são considerados existentes ou importantes nas narrativas hegemônicas abre portas para uma nova forma de compreender suas movimentações, re-formulações, caminhos e valores.

2. METODOLOGIA

A metodologia do projeto procura, além das pesquisas bibliográficas, gerar etnografias coletivas, como uma forma de criação do conhecimento coletivo, e também observações e ações participativas. Ao produzir o conhecimento junto

aos grupos trabalhados e com a comunidade local, procuramos não apenas ampliar os olhares sobre a cidade, mas também ampliar o acesso da comunidade em geral a esses debates feitos na universidade. Acreditamos que levar o conhecimento e as produções acadêmicas para debater fora da universidade em forma de exposições e eventos, além da divulgação científica, retroalimenta a pesquisa por meio de análises feitas durante e após os eventos. Buscamos refletir sobre os temas trabalhados e sobre as relações que acontecem entre o tema dos projetos e a sociedade, por meio de um processo de avaliação da exposição.

Para este trabalho analisaremos a exposição que ocorreu na Biblioteca Pública de Pelotas, já mencionada, composta por cinco módulos, contando com banners de apresentação da exposição, um de cada projeto. Bem como, diversos objetos que abrangem o universo de cada grupo. Feita em conjunto com as comunidades pesquisadas, de forma que as mesmas se sentissem contempladas e representadas nos módulos e na exposição em geral.

A equipe do projeto Margens se posicionou junto aos módulos para dialogar com o público. Cada módulo continha também uma parte voltada para a participação do público, com perguntas sobre o habitar Pelotas: “e pra ti, como é viver em Pelotas?”, “Quais são os principais lugares e elementos da cidade?”, “Como sua história se mistura com a história da cidade?”, entre outras. Em cartolinas, o público deixava não somente respostas diretas para as perguntas, mas também relatava os problemas que enfrentam ao viver em Pelotas, coisas que gostam ou não na cidade. Nos apoiamos na metodologia da pergunta de Paulo Freire (2014), procurando fazer perguntas chaves, incentivando a reflexão sobre as temáticas de interesse nos projetos.

Michel Agier diz que “a cidade é feita essencialmente de movimento”. A idéia era que a exposição, assim como a cidade, estivesse em constante transformação, movimento, sendo criada e construída em conjunto e constantemente. Compreendemos que a construção coletiva e múltipla possibilita diferentes olhares sobre a cidade, assim não partimos de apenas uma linha teórica ou de nosso olhar acadêmico, mas sim de vários, ampliando as possibilidades de entendimento sobre a cidade e de nossa pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A exposição “Margens: diferentes formas de habitar Pelotas” teve sua primeira montagem no ano de 2017. No ano de 2018, a partir de uma demanda do Espaço de Arte Mello da Costa Porão da Biblioteca Pública Pelotense, foi remontada no dia 11 de julho de 2018. A cidade de Pelotas realiza há cinco anos o evento de celebração do Dia do Patrimônio, em 2018 este ocorreu entre os dias 17, 18 e 19 de agosto. Cabe ressaltar que trata-se de um evento importante e premiado pelo IPHAN. Devido ao grande número de pessoas que participam do evento optamos pela equipe do projeto realizar pessoalmente a mediação da exposição, até então sendo feita pela museóloga do Espaço.

No dia 17 de agosto, nos foi dada a oportunidade de dialogar com crianças de escolas da cidade, o principal público que interagimos ao longo do dia. A partir de perguntas que fazíamos durante a mediação e outras que estavam em cartolinas, elas nos deixaram alguns recados por escrito tanto nas cartolinas quanto em bilhetes como, “ceja doce com pelotas”, “eu achei muito legal, Pelotas é bem antiga”, “eu gostei de tudo”. Uma das cartolinas tinha a pergunta “Como as suas histórias se misturam com as de Pelotas?” “por que eu moro aqui”, ou ao invés de deixarem recados respondendo as perguntas, apenas faziam desenhos



não necessariamente relacionados à pergunta. Tivemos também a visita do Centro de Atendimento ao Autista, um dos jovens nos deixou um desenho do símbolo do Osório Futebol Clube, time de futebol que se localiza na região do Passo dos Negros, e escreveu junto ao recado, “Eu adorei”.

Nos outros dias, durante as comemorações do Dia do Patrimônio, foi possível um contato com um público mais diverso. Interagimos com as/os visitantes explicando sobre os projetos e pedimos que alguns/mas deixassem mensagens relacionados à exposição. Em algumas situações pessoas se comunicaram entre si nas cartolinas, como em um caso que foi deixado o seguinte escrito como resposta da pergunta “E pra ti como é viver em Pelotas?” “É viver rodeado de olhares homofóbicos, é não poder andar de mãos dadas com o parceiro(a). Viver em Pelotas é se sentir ofendido pelas diferenças. Viver em Pelotas é sofrer por ser diferente.”, abaixo uma seta criando um diálogo com a resposta “Concordo. Os museus mostram toda a dor sofrida pelos escravos, e as pessoas o veem como lugar de diversão e alegria.”

Perguntávamos às/aos visitantes sobre os temas expostos, se conheciam a região do Passo dos Negros, se pertenciam à alguma religião, buscando trazer uma identificação do público com os debates propostos. Estima-se que mais de mil pessoas tenham passado pela exposição desde o dia de sua montagem até os dias do patrimônio, dentre elas adultos e crianças de escola públicas e privadas, de todas as idades.

Os recados deixados pelas crianças eram carinhosos e positivos como “meus parabéns eu amei muito essa história gabriela” e “Abertura Dos Prédios Mais Vezes!!”, demonstrando que gostaram do evento, alguns falavam sobre a relevância da exposição, “Importante mostrar e falar sobre o que muita gente quer ocultar. Loraine e Eliezer”. As perguntas realizadas, tanto nos diálogos, quanto as feitas nas cartolinas, nos ajudaram a entender o que a sociedade reconhece por patrimônio, o que lhes é ensinado que é patrimônio, por exemplo, quando em suas escritas nos cartazes, visitantes, em sua maioria, citaram como lugares importantes os museus, os casarões, as praças, os cafés importantes da cidades, entre outros lugares. Esses dados nos alertam sobre a importância de mostrar outros lados da história, valorizar outros grupos e o quanto essas discussões ainda precisam ser levadas a muitas outras pessoas.

Obtivemos uma resposta positiva por parte das pessoas que viram a exposição, uma ideia de pertencimento e oportunidade de manifestação, muitas/os visitantes foram sensíveis quanto à história de alguns grupos e suas invisibilizações nas narrativas hegemônicas, considerando importante trazer essas vivências e contranarrativas para o patrimônio da cidade. Era visível a felicidade de alguns/mas visitantes quando se viam representados na exposição, por serem LGBTQI+, ou por morarem no Passo dos Negros, por exemplo. Se ver representado é se ver enquanto parte constituinte, se enxergar enquanto importante para a formação do grupo/sociedade em sua totalidade. Algumas pessoas se sentiam a vontade para falarem de seus bairros e de seus lugares favoritos, que não eram estes que são considerados únicos patrimônios da cidade, como por exemplo, uma pessoa que escreveu na cartolina “Viva ao Barro Duro”, as pessoas se sentiam a vontade para falarem de seus bairros, de seus locais favoritos e de suas crenças, independente de quais fossem.

A participação durante o Dia do Patrimônio, nos possibilitou mostrar que o que constitui a cidade não é apenas o que está no centro (Conjunto Histórico de Pelotas e as Charqueadas, por exemplo) mas sim, o todo, o que está nas zonas

periféricas da cidade ou quem trabalha na noite, ressaltando o direito que cada pessoa tem de habitar a cidade. Podemos evidenciar isso em algumas das mensagens deixadas na seguinte questão “Como a sua história se mistura com a de Pelotas?”, “misturam-se na negritude, na religiosidade, na luta pelo empoderamento da periferia.” e também, “Nossas histórias não se misturam com a da cidade; elas SÃO a história da cidade.”

Através de um diálogo aberto com um público múltiplo sobre os diversos passados e histórias que cada grupo -em processo de exclusão- pudemos pensar também estes outros lados de viver a cidade. Ademais, atentamos para como os grupos envolvidos em nossos projetos são percebidos por aquelas/es que não conhecem e não são contemplados pelas histórias ali contadas. “As próprias inquietações e conflitos gerados a partir da exposição constituem-se também elementos importantes para a pesquisa. Das mais diversas interações, positivas e negativas, surgiram dados relevantes.” (PREVITALI et al, 2017)

4. CONCLUSÕES

Ao poder levar temas diversos como as histórias de trabalhadoras domésticas, trabalhadoras/es sexuais, comunidade LGBTQ+, moradoras e moradores que sofrem com processos de higienização e o povo de terreiro para dentro de prédios e lugares que reforçam um passado histórico europeu da cidade, em sua maioria uma história branca, hétero e elitizada, se evidencia a importância da continuidade de trabalhos e projetos como este. Ao ter por objetivo desinvisibilizar histórias de grupos que sofrem com diversos apagamentos históricos, este trabalho visa fortalecer os relatos desses grupos que também formam a cidade. Assim como também, contribui para cada integrante do grupo dos projetos, tanto no âmbito de pesquisa, como no pessoal.

Propor debates sobre estes assuntos, tanto entre os integrantes dos próprios grupos, como com os demais moradores da cidade, nos faz refletir sobre como a sociedade atual enxerga o lugar em que vive e os valores que são considerados como mais importantes. Nossa pesquisa segue sendo desenvolvida, junto aos grupos e junto à comunidade em geral, visando também a divulgação e o contato com estas diferentes margens que constituem Pelotas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro.** Mana vol.21 no.3 Rio de Janeiro Dez. 2015

ALFONSO, Louise Prado. **Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas.** Projeto de Pesquisa. UFPel. 2017.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta.** Editora Paz e Terra, 2014.

PREVITALI, Wagner Ferreira; DA SILVA, Mateus Fernandes; MATHIAS, Simone Fernandes; ALFONSO, Louise Prado. EXPOSIÇÃO MARGENS: ENCONTROS QUE CONSTROEM PESQUISA. In **XXVI CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA.** Anais do XXVI Congresso de Iniciação Científica da UFPel. Pelotas, 2017.